

PAOLA PERETTI

A
Distância
até a
Cerejeira

Tradução

Flavia Baggio



Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



PARTE UM

Setenta metros

Planeta





1

O escuro

Todas as crianças têm medo de escuro.

O escuro é um quarto sem portas nem janelas, com monstros que nos prendem e nos devoram em silêncio.

Eu tenho medo só do meu escuro, aquele que tenho dentro dos olhos.

Não estou inventando. Se estivesse inventando, a mamãe não me compraria doces em formato de pêssego com creme e licor e não me deixaria comê-los antes do jantar. Se tudo estivesse bem, o papai não se esconderia no banheiro como faz quando a proprietária da casa liga, porque, sempre que liga, ela dá más notícias.

— Não se preocupe. — Mamãe me diz enquanto lava a louça do jantar. — Vá brincar no seu quarto e não pense em nada.

Fico ainda um tempo na porta da cozinha, tentando usar a força do pensamento para fazer com que mamãe se vire na minha direção, mas isso nunca funciona. E agora estou aqui, no meu quarto, fazendo carinho em Ótimo Turcaret, o meu gato cinza e marrom com um

nó na ponta do rabo. Ele não se importa de ser puxado, remexido sobre o tapete ou perseguido com a escovinha do banheiro. É um gato, o papai diz, e os gatos são interesseiros. Talvez isso queira dizer que eles gostam de atenção. Para mim, basta que ele esteja disponível quando tenho um problema e preciso apertar algo quente e fofo. Como agora.

Eu sei que tem algo errado. Eu sou apenas uma menina do quarto ano, mas percebo tudo. A namorada do meu primo diz que eu tenho o terceiro olho. Ela é indiana e tem um pontinho pintado no meio da testa. Eu gosto que ela ache isso, mas para mim seria suficiente que pelo menos os dois olhos que já tenho funcionassem.

Às vezes tenho vontade de chorar, como agora. Quando estou prestes a chorar, meus óculos começam a ficar embaçados. Eu os tiro, assim pelo menos eles secam e a marca vermelha sai do meu nariz. Eu uso óculos desde o primeiro ano. Nós compramos esses amarelos com brilhinhos em dezembro do ano passado e eu gosto muito deles. Coloco-os novamente em frente ao espelho.

Sem os óculos, vejo tudo dentro de uma névoa, como quando tomo banho com muita água quente. A minha névoa se chama Stargardt, ou pelo menos foi isso que meus pais me disseram que ouviram no hospital. No celular *touch* do papai, que tem até internet, está escrito que o senhor Stargardt era um oculista alemão de cem anos atrás: foi ele quem descobriu o

que acontece dentro dos meus olhos. Ele descobriu também que quem tem essa névoa começa a ver manchas pretas nas coisas e nas pessoas, e essas manchas ficam maiores, e depois gigantes. Assim, quem tem as manchas deve chegar cada vez mais perto das coisas para poder ver melhor. A internet diz: “A doença afeta aproximadamente uma em cada dez mil pessoas”. Segundo mamãe, Deus escolhe as pessoas especiais, mas não me sinto tão sortuda quando penso nisso.







2

Coisas que eu gosto muito (e que não poderei mais fazer)

Eu me vejo no espelho a uma distância de três passos.

Mas essa distância está diminuindo: no ano passado, conseguia me ver a cinco passos. Na frente do espelho, faço carinho na cabeça de Ótimo Turcaret e também aliso meus cabelos, já que estou aqui. Nestes tempos, a mamãe tem gostado de me fazer marias-chiquinhas. E aí se me despenteio! Ela gosta tanto das marias-chiquinhas que me deixa com elas até para dormir.

O papai aparece só com a cabeça e diz para eu “me empijamar” e escovar os dentes. Eu digo que sim, mas sempre paro na janela por um tempão antes de obedecer. Da janela do meu quarto, dá pra ver um bom pedaço de céu escuro. Eu gosto de ficar olhando para fora nas noites de outono como esta, porque não faz frio e dá para ver a lua e a Estrela Polar, que brilham muito. Mamãe diz que elas são o lampião e o fósforo de Jesus. Pra mim, o mais importante é checar todas as noites se elas ainda estão ali.

Antes de dormir, o papai vem ler uma história para mim. Agora estamos na metade de *Robin Hood*, que me faz ter sonhos cheios de bosques e de flechas. Depois, geralmente chega a mamãe, que arruma ao redor do rosto as minhas marias-chiquinhas no travesseiro e me diz boa-noite com hálito de picolé de menta.

Mas esta noite entram os dois juntos e se sentam na minha cama, um de cada lado. Dizem que perceberam que estou enxergando um pouco menos e que por isso decidiram que vou fazer visitas muito especiais na semana que vem. Eu não gosto de faltar na escola, porque perco informações importantes (quanto tempo demorou para construir as pirâmides?) e fofocas (é verdade que a Clara e o Gianluca do 4ºC estão juntos?). Mas não falo nada na frente dos meus pais. Espero os dois saírem e apagarem a luz, então acendo o abajur do meu criado-mudo e passo os dedos na borda dos livros que tenho acima da cabeceira da cama, em uma prateleira. Pego um caderno com o canto da borda amassado.

Apoio o caderno no travesseiro. Na capa tem uma etiqueta que diz: A LISTA DE MAFALDA.

Esse caderno é meu caderninho pessoal. Na primeira página tem uma data:

14 de setembro

Faz três anos e onze dias. Depois está escrito:

*Coisas que eu gosto muito
(e que não poderei mais fazer)*

Não é uma lista muito grande. Para dizer a verdade, são só três páginas, e no início da primeira está escrito:

Contar todas as estrelas que aparecem à noite

~~Pilotar um submarino~~

Fazer sinal de boa-noite com a lanterna pela janela

Alerta vermelho. Óculos embaçados.

A vovó morava bem em frente a nós, na casa vermelha com as cortinas de renda onde agora mora um casal que nunca cumprimenta ninguém, e que trocou as cortinas. A vovó era mãe do papai, tinha cachos como o papai e eu, mas brancos, e sempre me fazia sinais com a lanterna antes de dormir. Uma piscada significava “estou chamando você”. Duas, “boa noite”. Três, “para você também”. Mas isso era antes, quando eu ainda me via no espelho a nove passos de distância.

A segunda página eu não deixo ninguém ler, nem Ótimo Turcaret, porque é muito, muito secreta.

Na terceira página, está escrito:

Jogar futebol com os meninos

Inventar caminhos na calçada que, se cair, vai parar na lava e morre

Jogar basquete com bolinhas de papel

Subir na cerejeira da escola

Eu escalei a cerejeira da escola um monte de vezes desde o dia em que cheguei no ensino fundamental. É a

minha árvore. Nenhum outro menino consegue subir tão alto quanto eu. Quando eu era mais nova, fazia carinho no tronco dela, dava abraços nela... era a minha amiga.

Foi na cerejeira da escola que achei o Ótimo Turcaret. Ele estava morrendo de medo e era cinza e marrom como agora, porém mais feio. Era tão pequeno que consegui levá-lo para casa no bolso do uniforme, e só quando tirei ele do bolso e coloquei em cima da mesa da cozinha meus pais se deram conta de que era um gatinho muito pequeno. Ainda não se chamava Ótimo Turcaret, ainda não tinha nome.

Depois de um tempo que ele estava conosco e já me seguia por toda parte, até mesmo na escola, papai me deu de presente seu livro favorito, *O barão nas árvores*. Ele lia para mim de noite, antes de dormir. Foi assim que conheci Cosme, um menino mais velho que eu – só um pouco – que vivia em uma época cheia de pessoas com peruca que queriam obrigá-lo a fazer tarefas muito chatas e a comer pratos nojentos. Também conheci o bassê que tinha dois nomes, e decidimos que Ótimo Turcaret tinha mesmo cara de Ótimo Turcaret, ainda que o nosso gato não tenha dois donos como o bassê, que se chamava Ótimo Massimo quando estava com Cosme e Turcaret quando Viola, sua dona verdadeira, retornava.

No livro, o meu personagem favorito é o Cosme: eu gosto tanto que ele tenha ido morar nas árvores e que não desça mais porque quer ser livre. Eu não seria tão corajosa. Um dia, tentei construir uma casinha entre

os galhos da cerejeira com papel higiênico, mas começou a chover e os muros derreteram. Mas o que eu preferia mesmo era quando eu levava lá pra cima um gibí para ler em um galho dividido no meio. Eu ainda enxergava bem.

Desde o primeiro ano, faço todos os anos exames dos olhos com gotas que ardem. Os médicos chamam as gotas de “rutina”. Mas parece que as visitas muito especiais da semana que vem serão um pouco diferentes, porque a chama que tenho dentro dos olhos está se apagando muito depressa. Muito, muito, muito depressa. Quem me explicou foi a oftalmologista, que não é alemã como o senhor Stargardt e não descobriu coisa nenhuma, mas sempre me dá um lápis com uma borrachinha colorida em cima. Ela me disse que para algumas pessoas essa luzinha se apaga quando elas estão velhas, mas para outras isso acontece antes. Quando a minha se apagar completamente, ainda serei pequena.

Vou ficar no escuro, ela me disse.

Mas agora não quero pensar nisso, agora só quero sonhar com os bosques e as flechas de Robin Hood.

Fecho meu caderninho e apago a luz.

Cosme, me dá uma mão?

Você, sim, é capaz de fazer tudo, e é bom. Eu sei porque no livro você lia histórias para o bandido mesmo depois de ele ter feito muitas coisas ruins, você lia para ele entre as grades da prisão até o dia de sua condenação à morte. Agora

pense, e para mim? Quem lê? Quem vai ler histórias quando eu ficar no escuro e mamãe e papai estiverem no trabalho?

Se nem mesmo você, que é amigo das árvores assim como eu, me der uma mão, vou acabar não falando mais com você. Pior, não penso mais em você. Você tem que encontrar um jeito de me ajudar, mesmo que seja em segredo, não precisa me contar, é só encontrar. Caso contrário, vou fazer os galhos de baixo do seu traseiro desaparecerem com meu pensamento e você vai cair na lava onde tem crocodilos, ou no chão, que pra você é ainda pior, já que jurou que jamais desceria das árvores.

A Estella sempre diz que podemos nos virar sozinhos, que não precisamos de nada. Quer saber? Eu preciso de algo, sim. Promete, Cosme? Me dá uma mão?